

Minuta de Resolução SMA instituindo o Programa estadual e reconhecendo a lista de espécies exóticas invasoras

Minuta de Resolução SMA nº..... DE DE XXX DE 2009

Institui o Programa Estadual para controle de Espécies Exóticas Invasoras, reconhece a Lista Oficial de Espécies Exóticas Invasoras no estado de São Paulo, e dá outras providências.

O Secretário Estadual de Meio Ambiente nomeado pelo Decreto nº XXX de XX de XX de XXXX, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei Estadual nºXXXX, de XX de XXXXX de XXXX, e considerando:

- o Artigo 8º da Convenção Internacional sobre Diversidade Biológica, da qual o Brasil é

signatário, determina aos países participantes a adoção de medidas preventivas, e medidas de erradicação e controle de espécies exóticas invasoras;

- a Lei Federal nº 11.428 de 22 de dezembro de 2006, que dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, em seu Artigo 3º, inciso VIII alínea a, considera de interesse social as atividades imprescindíveis à proteção da integridade da vegetação nativa, entre essas a erradicação de espécies exóticas invasoras;
- a Lei Federal nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998 - Lei de Crimes Ambientais, em seu Artigo 61, prevê punição para quem “disseminar doença ou praga ou espécies que possam causar dano à agricultura, à pecuária, à fauna, à flora ou aos ecossistemas”;
- a alínea b do Artigo 4º da Lei Federal 4771/65 – Código Florestal - considera de interesse público as medidas com o fim de prevenir ou erradicar pragas e doenças que afetam a vegetação florestal;
- a Resolução CONAMA 369, de 28 de março de 2006, em seu artigo 2º , inciso II, alínea "a", reitera as disposições da Lei 4.771/65 ao

considerar de interesse social a erradicação de espécies exóticas invasoras quando se mostrar necessária a sua adoção para assegurar a proteção da integridade da vegetação nativa;

- que espécies exóticas invasoras produzem mudanças e alterações nas propriedades ecológicas do solo, na ciclagem de nutrientes, nas cadeias tróficas, na estrutura, dominância, distribuição e funções de um dado ecossistema, na distribuição da biomassa, na taxa de decomposição, nos processos evolutivos e nas relações entre polinizadores e dispersores; e
- que espécies exóticas invasoras podem produzir híbridos ao cruzar com espécies nativas e eliminar genótipos originais, ocupar o espaço de espécies nativas levando-as a diminuir em abundância e extensão geográfica, aumentando os riscos de extinção de espécies e de eliminação de populações locais;
- que algumas espécies exóticas invasoras são exploradas comercialmente, possuindo relevante importância econômica; RESOLVE:

Art. 1º Fica instituído, no âmbito desta Secretaria, o “Programa Estadual para Controle de Espécies Exóticas Invasoras no estado de São Paulo”, a ser desenvolvido junto à Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais.

§ 1º O Programa será gerenciado por um Grupo Técnico, composto por integrantes da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo;

§ 2º A Comissão Especial de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Consema – Conselho Estadual de Meio Ambiente, exercerá o papel de Conselho Consultivo do Programa.

§ 3º O Secretário de Meio Ambiente convidará as Secretarias de Estado afetas ao tema (Educação, Agricultura, Saúde, entre outras), Organizações Governamentais e Não Governamentais, Universidades, Representantes de Comitês de Bacias Hidrográficas, Ministério Público Estadual e Federal, bem como representantes de comunidades e de setores produtivos para contribuir com o Programa.

Art. 2º Ao Grupo Técnico caberá:

I – Propor cronograma para execução das atividades previstas na estratégia elaborada pelo Grupo de trabalho constituído pelas resoluções SMA 33/2009 e 55/2009, incluindo análises de risco.

II – Realizar reuniões com setores envolvidos para discutir o cronograma proposto e apresentá-lo à Comissão Especial de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Consema.

III - Executar as ações previstas conforme cronograma, incluindo análise de risco para as espécies listadas e protocolo.

IV - Propor ações complementares, consultando os setores envolvidos e apresentando-as previamente à Comissão Especial de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Consema.

V – Apresentar relatórios periódicos sobre a execução da Estratégia à Comissão Especial de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Consema.

VI – Propor, com a colaboração dos setores envolvidos, minuta de Anteprojeto de Lei sobre espécies exóticas invasoras e apresentá-lo à Comissão Especial de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Consema.

Art. 3º - O Grupo Técnico será integrado por representantes das seguintes unidades da Pasta:

I - Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais (CBRN);

II – Coordenadoria de Educação Ambiental;

III – Coordenadoria de Recursos Hídricos;

IV – Coordenadoria de Planejamento;

V - Instituto Florestal;

VI – Instituto de Botânica;

VII - Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo - Fundação Florestal;

VIII - CETESB - Companhia Ambiental do Estado de São Paulo; e

IX - Polícia Ambiental, da Polícia Militar.

§ 1º Os dirigentes das unidades referidas neste artigo, indicarão no prazo de 10 dias contados da data da publicação desta Resolução, os respectivos titular e suplente à Coordenação do Grupo Gestor.

§ 2º A coordenação do Grupo Técnico será exercida pelo representante da Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais e contará com a assessoria da Comissão Especial de Biodiversidade, Florestas, Parques e Áreas Protegidas do Consema, bem como de convidados pelo Secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo .

§ 3º O Grupo Técnico do Programa poderá convidar técnicos e solicitar as informações técnicas, dados e inventários existentes, no âmbito da Secretaria do Meio Ambiente e de

seus órgãos vinculados, necessários ao cumprimento das atribuições estabelecidas nesta Resolução.

Art. 4º - Para os efeitos deste Instrumento Legal, entende-se por:

- I) **ambiente**: o lugar ou tipo de local onde foi constatada a presença da espécie exótica invasora.
- II) **ambiente natural**: área não convertida para outro uso ou urbanizada, que guarda elementos naturais.
- III) **análise de risco**: refere-se à avaliação da magnitude e da natureza dos possíveis efeitos negativos da introdução de uma espécie. A análise de risco é fundamental para reduzir impactos futuros, numa abordagem de precaução e prevenção, tanto para espécies ainda não presentes como para aquelas que já foram introduzidas, pois avalia o potencial de expansão e de impacto e as possibilidades reais de controle da espécie.
- IV) **bioinvasão ou invasão biológica**: Processo de ocupação de ambiente natural ou antropizado por espécie exótica,

provocando impactos ambientais negativos, como alteração no meio abiótico, competição, hibridação, deslocamento de espécies nativas, entre outros. São reconhecidas as seguintes etapas no processo de bioinvasão: introdução, estabelecimento e dispersão.

- V) **campanhas públicas e educativas e eventos públicos comemorativos:** quaisquer atividades voltadas à população em geral em que se promova ou distribua espécimes, propágulos e outras partes de espécies da fauna e da flora.
- VI) **controle de espécies exóticas invasoras:** aplicação de métodos mecânicos, químicos ou biológicos que resultem na redução e, sempre que desejável e possível, na erradicação de populações de espécies exóticas invasoras;
- VII) **ecossistema:** é o conjunto formado por todos os fatores bióticos e abióticos que atuam simultaneamente sobre determinada área geográfica;
- VIII) **espécie nativa:** a espécie, sub espécie ou taxon inferior ocorrente dentro de sua área de distribuição natural presente ou passada;

- IX) **espécie exótica**: a espécie, sub-espécie ou taxa inferior introduzido fora da sua área natural de distribuição presente ou passada, incluindo qualquer parte, gametas, sementes, ovos ou propágulos dessa espécie que possam sobreviver e posteriormente reproduzir-se;
- X) **espécie exótica invasora**: a espécie exótica cuja introdução ou dispersão ameaça ecossistemas, ambientes e outras espécies.
- XI) **hábitat natural**: o lugar ou tipo de local onde um organismo ou população ocorre naturalmente;
- XII) **introdução**: entrada intencional ou acidental de espécimes em locais fora da área de distribuição natural da espécie.

Art. 5º As espécies de flora e fauna indicadas nos anexos 1 e 2 desta Resolução são reconhecidas como espécies exóticas invasoras, com ocorrência registrada em ambiente natural no estado de São Paulo.

§ 1º As espécies presentes nos anexos 1 e 2 desta Resolução deverão ser objeto de análise de risco de modo a subsidiar a elaboração de protocolos específicos, que considerarão tanto o

histórico de invasão da espécie, o potencial para causar impacto ambiental, o valor econômico da espécie e o contexto em que se encontra no estado de São Paulo.

§2º Esta Resolução e seus anexos deverão ser disponibilizados por meio do portal eletrônico da Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo, com o objetivo de divulgar a informação e permitir a identificação das referidas espécies para que medidas de prevenção de invasão e controle sejam adotadas.

§ 3º Os ambientes referenciados nos anexos apenas indicam que as espécies exóticas invasoras foram neles observadas.

§ 4º A não citação de uma espécie em um ambiente não significa que a espécie não possa se tornar invasora no mesmo.

§ 5º As espécies constantes do anexo 3 foram consideradas como “Deficiente de Dados” pelo fato de as informações existentes sobre o táxon serem inadequadas para se fazer uma avaliação

sobre sua ocorrência no estado de São Paulo ou seu risco de invasão, com base em sua distribuição natural ou histórico de invasão. A colocação de um táxon nessa categoria indica que mais informações são necessárias sobre ele, reconhecendo-se a possibilidade de futuras pesquisas mostrarem que o táxon poderia ser classificado como espécie exótica invasora com ocorrência em ambiente natural no estado de São Paulo.

§ 6º A Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo deverá adotar medidas preventivas, com relação à introdução em ambiente natural, de espécies exóticas invasoras com registro de ocorrência apenas em áreas urbanas e periurbanas, inclusas no anexo 3.

Art. 6º As espécies exóticas invasoras constantes nos anexos 1 e 2 encontram-se classificadas nas categorias I e II, respectivamente.

§ 1º A categoria I é referente a espécies que têm como indicação que seu uso; posse ou domínio;

transporte, soltura ou translocação; propagação (cultivo, criação ou qualquer forma de reprodução) e comércio; doação ou aquisição sob qualquer forma sejam proibidos, na forma da lei. Exceções configuram uso de espécimes mortos (por exemplo, consumo ou uso como matéria prima) ou para pesquisa científica.

§ 2º A categoria II é referente a espécies, cuja criação ou cultivo, desde que realizados sob condições controladas, com restrições estabelecidas por normas específicas e de acordo com o resultado da análise de risco, deverão ser permitidos, na forma da lei.

§ 3º A categorização de espécies exóticas invasoras inseridas nos anexos 1 e 2 considera o uso comercial atual da espécie no estado de São Paulo e o seu caráter invasor.

§ 4º O reconhecimento do caráter invasor de uma espécie pode ser oriundo de seu comportamento em ambientes naturais no estado de São Paulo ou além de suas fronteiras.


Art. 7º - Os anexos deste Instrumento Legal deverão ser revistos e republicados pelo Grupo Gestor em intervalos máximos de 24 meses, a contar da data de sua publicação, podendo ser alterados em virtude da ocorrência de novas espécies, da identificação de novos processos de invasão biológica ou de alterações de categoria.

Parágrafo Único: O reconhecimento do caráter invasor de uma espécie é feito pela Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo, de forma integrada com instituições de pesquisa e demais órgãos competentes, baseado em avaliação técnico-científica.


Art. 8º – Recomenda-se que os órgãos de fomento à pesquisa publiquem editais específicos para promover estudos referentes às espécies listadas nos diferentes anexos.

Parágrafo Único – A Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo poderá instituir um protocolo de contenção, junto às instituições fomentadoras, a fim de normatizar

criação ou cultivo de espécies exóticas para fins de pesquisa científica.

Art. 9º - Ficam proibidas a produção, a comercialização e a importação das espécies exóticas invasoras constantes no Anexo 1 em viveiros e criadouros públicos estaduais de São Paulo, vinculados à Secretaria do Meio Ambiente do estado  São Paulo.

Parágrafo Único: Recomenda-se que os demais viveiros e criadouros substituam as espécies exóticas invasoras constantes do anexo 1 por espécies nativas.


Art. 10 Nos bens públicos estaduais, vinculados à Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo, nos quais for constatada a presença das espécies exóticas invasoras constantes nos Anexos 1 e 2, os gestores das áreas deverão adotar medidas que evitem a invasão biológica.

Parágrafo único. As medidas a serem adotadas devem considerar a finalidade da área, o contexto em que se encontra a espécie exótica

invasora, incluindo o nicho ecológico que ocupa, e a estratégia elaborada pelo Grupo de trabalho constituído pelas resoluções SMA 33/2009 e 55/2009.

Art. 11 A Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo deverá adotar medidas que promovam a substituição das espécies exóticas invasoras utilizadas em arborização urbana por nativas, pelos municípios do estado.


Art. 12 Ficam proibidos a doação e o estímulo ao uso das espécies exóticas invasoras constantes nos Anexos 1 e 2 em campanhas públicas e educativas e em eventos públicos comemorativos promovidos pela Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo.

Parágrafo único: Recomenda-se que não sejam doados, distribuídos ou estimulado o uso das espécies exóticas invasoras constantes nos Anexos 1 e 2 em campanhas públicas e educativas e em eventos públicos comemorativos promovidos por todos os setores da sociedade.

Art. 13 Os procedimentos de destinação da fauna apreendida deverão adotar medidas que evitem a invasão biológica.

Art. 14 Quando da elaboração do Plano de Manejo das Unidades de Conservação Estaduais, tanto as de Proteção Integral como as de Uso Sustentável, deverão ser consideradas diretrizes para prevenção, controle e monitoramento de espécies exóticas invasoras, bem como para a elaboração de planos de ação para controle dessas espécies, quando couber.

Art. 15 É proibida a introdução de espécies exóticas invasoras constantes dos Anexos 1 e 2 nas Unidades de Conservação Estaduais de Proteção Integral.


Art. 16 Deverá ser desestimulada a introdução e utilização de espécies exóticas invasoras nas Unidades de Conservação de Uso Sustentável Estaduais.



§ 1º A introdução e o uso econômico de espécies exóticas invasoras em Unidades de Conservação de Uso Sustentável de Domínio Público dependerá de prévia autorização do órgão gestor, precedida de análise de projeto, devendo o mesmo definir medidas técnicas de controle e monitoramento ambiental a serem adotadas no sistema de produção, em regulamentação específica.

§ 2º Recomenda-se a não introdução e uso de espécies exóticas invasoras nas zonas mais restritivas das Áreas de Proteção Ambiental.

§ 3º Caberá ao Grupo Gestor do Programa instituído por esta Resolução, ao órgão gestor da Unidade de Conservação de Domínio Público e, nos casos de Unidades de Conservação de Domínio Privado, ao seu grupo gestor, em parceria com outras instituições, indicar espécies nativas alternativas àquelas exóticas.

Art. 17 Por ocasião da análise de projetos e planos de recuperação e restauração de áreas degradadas de recomposição de Reservas Legais e Áreas de Preservação Permanentes,

os órgãos ambientais competentes do Estado de São Paulo não poderão aceitar o uso das espécies exóticas invasoras constantes nos Anexos 1 e 2.

Parágrafo Único O uso de espécies nativas locais deverá ser recomendado e priorizado.

Art. 18 A Companhia Ambiental do Estado de São Paulo - Cetesb deverá considerar as listas de espécies exóticas invasoras nos processos de licenciamento ambiental.

§ 1º Por ocasião da aprovação de Estudos de Impacto Ambiental e licenciamento de atividades ou empreendimentos em zonas de amortecimento de Unidades de Conservação e nas áreas prioritárias para conservação, definidas pelo Programa Biota/Fapesp não será aceito o uso de espécies exóticas invasoras constantes nos Anexos 1 e 2.

§ 2º Em projetos de estabilização de taludes, não será aceito o uso de espécies exóticas invasoras constantes dos anexos 1 e 2 desta Resolução.

§3º As demais atividades de licenciamento deverão recomendar ações de controle de espécies exóticas invasoras, quando couber e conforme previsto em protocolos específicos.

Art. 19 A Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo proporá normas e procedimentos para monitoramento, fiscalização e controle de espécies exóticas invasoras constantes nos Anexos 1 e 2.

Parágrafo único: Serão estabelecidos protocolos de controle para cada espécie constante da lista.

São Paulo, dede 2010.

Anexo1: Espécies Exóticas Invasoras Categoria I, por grupo, incluindo a descrição dos ambientes onde a ocorrência foi registrada.

Anexo 2: Espécies Exóticas Invasoras Categoria II, por grupo, incluindo a descrição dos ambientes onde a ocorrência foi registrada.

Anexo 3: Espécies DD – Deficiente de Dados, por grupo, destacando as espécies com registro de ocorrência restrita a áreas urbanas e periurbanas.

ANEXO 1 – da Resolução SMA..../2010

A categoria I é referente a espécies que têm como indicação que seu uso; posse ou domínio; transporte, soltura ou translocação; propagação (cultivo, criação ou qualquer forma de reprodução) e comércio; doação ou aquisição sob qualquer forma sejam proibidos, na forma da lei. Exceções configuram uso de espécimes mortos (por exemplo, consumo ou uso como matéria prima) ou para pesquisa científica.

ESPÉCIES CATEGORIA I - 64 ESPÉCIES

CLASSIFICAÇÃO DOS AMBIENTES: para as espécies terrestres foi utilizada a classificação da vegetação brasileira definida pelo IBGE (1992). Para espécies aquáticas continentais, foi empregada a localização por bacia hidrográfica e o ambiente foi classificado como lótico (ambiente de água corrente) ou lêntico (ambiente de água parada). Para espécies marinhas, o ambiente foi classificado como Marinho.

ALGAS - 1

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
---------------	--------------	----------------	------------------------	-------------------	-----------------

Coscinodiscophyceae	Coscinodiscales	Coscinodiscaceae	<i>Coscinodiscus wailesii</i> Gran & Angst., 1931	diatomácea	Marinho
---------------------	-----------------	------------------	---	------------	---------

ANFÍBIOS - 1					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Amphibia	Anura	Ranidae	<i>Lithobates catesbeianus</i> (Shaw, 1802)	rã-touro	Floresta Estacional Semidecidual Aluvial
					Floresta Ombrófila Densa Alto-Montana
AVES - 1					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Aves	Passeriformes	Corvidae	<i>Corvus albus</i> (Müller, 1776)	corvo-de-barriga-branca	Formação Pioneira de Influência Fluviomarinha

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS - 21					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Anthozoa	Scleractinia	Dendrophylliidae	<i>Tubastraea coccinea</i> (Lesson, 1829)	coral laranja, coral-sol	Marinho
Anthozoa	Scleractinia	Dendrophylliidae	<i>Tubastraea tagusensis</i> (Wells, 1982)	coral-sol	Marinho
Ascidacea	Enterogona	Ascidiidae	<i>Ascidia sydneyensis</i> (Stimpson, 1855)	ascidia	Marinho

Ascidacea	Enterogona	Cionidae	<i>Ciona intestinalis</i> (Linnaeus, 1767)	ascídia solitária	Marinho
Ascidacea	Pleurogona	Styelidae	<i>Styela plicata</i> (Lesueur, 1823)	ascídia solitária	Marinho
Bivalvia	Mytiloida	Mytilidae	<i>Limnoperna fortunei</i> (Dunker, 1857)	mexilhão-dourado	Bacia do Sorocaba e do Turvo Grande (lêntico)

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS - 21					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Bivalvia	Mytiloida	Mytilidae	<i>Myoforceps aristatus</i> (Dillwyn, 1817)	mitilídeo	Marinho
Bivalvia	Pterioida	Isognomonidae	<i>Isognomon bicolor</i> (C. B. Adams, 1845)	ostra	Marinho
Bivalvia	Veneroida	Corbiculidae	<i>Corbicula fluminea</i> (O. F. Müller, 1774)	berbigão-de-água-doce	Bacia do Tietê Batalha (lêntico)

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS - 21

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Bivalvia	Ostreoida	Ostreidae	<i>Crassostrea gigas</i> (Thunberg, 1793)	ostra-asiática	Marinho
Branchiopoda	Diplostraca	Daphniidae	<i>Daphnia lumholtzi</i> (Sars, 1885)		Bacia do Baixo Tietê (lêntico)
Gastropoda	Neotaenioglossa	Thiaridae	<i>Melanoides tuberculatus</i> (Muller, 1774)	melanóide	Bacia do baixo Tietê e Tietê Batalha (lêntico)
Maxillopoda	Cyclopoida	Cyclopidae	<i>Mesocyclops ogunnus</i> (Onabamiro, 1957)		Bacia do Sorocaba e do Tietê Batalha (lêntico)

Malacostraca	Decapoda	Cambaridae	<i>Procambarus clarkii</i> (Girard, 1852)	lagostim	Bacia do Paraíba do Sul e do alto Tietê (lêntico e lótico)
Malacostraca	Decapoda	Palaemonidae	<i>Macrobrachium rosenbergii</i> (De Man, 1879)	camarão-gigante-da-malásia -	Bacia do baixo Tietê e do Paraíba do Sul (lêntico e lótico)
Malacostraca	Decapoda	Penaeidae	<i>Litopenaeus vannamei</i> (Boone, 1931)	camarão-branco-do-pacífico	Marinho
Malacostraca	Decapoda	Penaeidae	<i>Penaeus monodon</i> (Fabricius, 1798)	camarão-tigre-gigante	Marinho
Malacostraca	Decapoda	Portunidae	<i>Charybdis hellerii</i> (A. Milne-	siri-de-espinho	Marinho

			Edwards, 1867)		
Malacostra ca	Decapoda	Portunidae	<i>Scylla serrata</i> (Forskal, 1775)	siri	Marinho
Maxillopod a	Sessilia	Balanidae	<i>Megabalanu s coccopoma</i> (Darwin, 1854)	craca	Marinho
Polychaeta	Canalipalpa ta	Sabellidae	<i>Branchiom ma luctuosum</i> (Grube, 1870)	poliqueta	Marinho

INVERTEBRADOS TERRESTRES - 2					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Insecta	Hymenoptera	Megachilidae	<i>Anthidium manicatum</i> (Linnaeus, 1758)	abelha	Floresta Estacional Semidecidual
					Floresta Ombrófila Densa
Gastropoda	Stylommatophora	Achatinidae	<i>Achatina fulica</i> (Ferussac, 1821)	caramujo-gigante-africano	Áreas de Tensão Ecológica - Savana - Floresta Ombrófila
					Floresta Estacional Semidecidual
					Floresta Ombrófila Densa

		Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas
		Floresta Ombrófila Densa Submontana
		Floresta Ombrófila Mista

MAMÍFEROS - 7					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Mammalia	Primates	Callithrichidae	<i>Callithrix jacchus</i> (Linnaeus, 1758)	sagui-de-tufo-branco, mico-comum e sagui-do-nordeste	Áreas de Tensão Ecológica – Savana/Floresta Ombrófila
					Savana Florestada (Cerradão)
Mammalia	Primates	Callithrichidae	<i>Callithrix penicillata</i> (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812)	mico-estrela, sagüi-do-cerrado, sagui-de-tufo-preto	Floresta Ombrófila Densa Montana
					Floresta Estacional Semidecidual (somente na margem)

					esquerda do Tietê).
Mammalia	Artiodactyla	Cervidae	<i>Cervus unicolor</i> Kerr, 1792	veado-sambar	Savana
Mammalia	Lagomorfa	Leporidae	<i>Lepus europaeus</i> Pallas, 1778	lebre-européia	Floresta Estacional Semidecidual
					Floresta Estacional Semidecidual Submontana
					Floresta Ombrófila Densa
					Floresta Ombrófila Densa Montana

					Floresta Ombrófila Densa Submontana
					Savana (Cerrado)
					Savana - Floresta Estacional Semidecidual

MAMÍFEROS - 7					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Mammalia	Rodentia	Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i> (Molina, 1782)	ratão-do-banhado	Floresta Estacional Semidecidual (ambientes aquáticos). Formações Pioneiras de Influência Fluvial (Comunidades Aluviais)
					Floresta Ombrófila Densa (ambientes aquáticos)

					Floresta mesófila higrófila ou floresta de brejo
Mammalia	Rodentia	Muridae	<i>Rattus norvegicus</i> (Berkenhout, 1769)	ratazana	Floresta Estacional Semidecidual
					Savana (Cerrado)
Mammalia	Artiodactyla	Suidae	<i>Sus scrofa</i> Linnaeus, 1758 (forma selvagem)	javali, javaporco	Floresta Ombrófila Densa
					Floresta Estacional Semidecidual
A espécie <i>Callithrix penicillata</i> é nativa no Bioma Cerrado no estado de São Paulo, na margem direita do rio Tietê. O controle deve ser feito somente em populações que estejam fora da área de distribuição natural da espécie.					
A espécie <i>Rattus norvegicus</i> , mesmo sendo cosmopolita, foi incluída na lista					

de espécies exóticas invasoras por ocorrer em unidades de conservação do estado de São Paulo.

PEIXES - 8

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Astronotus crassipinnis</i> (Heckel, 1840)	apaiari, oscar	Bacia do Rio Tietê (lêntico, si); Bacia do Rio Paraná (s.i.) Bacia do Rio Grande (s.i.)
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Cichla kelberi</i> (Kullander & Ferreira, 2006)	tucunaré	Bacia do Rio Jacaré-Guaçú (lêntico); Bacia do Rio Paranapanema (lêntico)
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Cichla piquiti</i>	tucunaré	Bacia do Rio Paraná,

			Kullander & Ferreira, 2006		Bacia doTietê e Grande (s.i.)
--	--	--	----------------------------------	--	-------------------------------------

PEIXES -8					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Actinopterygii	Siluriformes	Clariidae	<i>Clarias gariepinus</i> (Burchell, 1822)	bagre-africano	Bacia dos Rios Aguapeí e Peixe (s.i.)
Actinopterygii	Gymnotiformes	Gymnotidae	<i>Gymnotus paraguensis</i> Albert and Crampton, 2003	tuvira	Bacia do Alto Rio Paraná (lêntico); Bacia do Rio Grande (s.i.)
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Metynnis maculatus</i> (Kner, 1858)	peixe-CD	Bacia do Rio Paranapanema (s.i.)
Actinopterygii	Perciformes	Centrarchidae	<i>Micropterus salmoides</i> (Lacepède, 1802)	black bass	Bacia do Rio Juqueri (lêntico)

Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	corvina	Bacia do Rio Tietê (lêntico); Bacias dos Rios Paraná, Paranapanema e Grande (s.i.)
As espécies <i>Cichla kelberi</i> e <i>Cichla piquiti</i> (tucunarés), foram classificadas como espécies exóticas invasoras categoria I, pois não encontramos dados sobre sua importância econômica no estado de São Paulo.					
s.i.: sem informação do ambiente (lêntico ou lótico)					

RÉPTEIS - 1

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Reptilia	Testudines	Emydidae	<i>Trachemys scripta</i> (Schoepff, 1792)	tigre-d'água-americano, tartaruga-de-orelha-vermelha	Floresta Ombrófila Densa Montana

PLANTAS - 22

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Arecaceae	<i>Archontophoenix cunninghamiana</i> H.Wendl. & Drude	palmeira-real-da-austrália	Floresta Ombrófila Densa
Arecaceae	<i>Caryota urens</i> L.	palmeira rabo-de-peixe	Floresta Estacional Semidecidual
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	açaí	Floresta Ombrófila Densa
Arecaceae	<i>Livistona chinensis</i> (Jacq.) R. Br. ex Mart.	palmeira-leque-da-China	Floresta Ombrófila Densa
Balsaminaceae	<i>Impatiens walleriana</i> Hook.f.	beijinho, maria-sem-vergonha	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa

PLANTAS - 22			
FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Bignoniaceae	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	ipê-amarelo-de-jardim, ipê-mirim, ipê-de-jardim, ipêzinho-de-jardim	Áreas de Tensão Ecológica - Savana - Floresta Estacional
			Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
			Floresta Ombrófila Densa Montana
			Savana (Cerrado)
Boraginaceae	<i>Cordia abyssinica</i> R. Br. ex A. Rich.	babosa-branca	Floresta Ombrófila Densa
Casuarinaceae	<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	casuarina	Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha

			(Restingas)
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.	sombreiro, chapéu-de-sol	Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
Commelinaceae	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh.	trapoeraba-roxa	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
			Savana (Cerrado)
Fabaceae	<i>Acacia mearnsii</i> De Wild.	mimosa, acácia-negra	Áreas de Tensão Ecológica - Savana - Floresta Ombrófila Mista
Fabaceae	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	leucena	Áreas de Tensão Ecológica - Savana - Floresta Estacional
			Floresta Ombrófila Densa
			Savana (Cerrado)
Hydrocharitaceae	<i>Hydrilla verticillata</i> (L. f.) Royle	hidrila	Bacia do Rio Paraná (lêntico)

Iridaceae	<i>Crocosmia x crocosmiiflora</i> (Lemoine ex E. Morren) N.E. Br.	estrela-de-fogo	Floresta Ombrófila Densa
-----------	---	-----------------	--------------------------

PLANTAS - 22			
FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i> L.	cinamomo	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa Montana
Musaceae	<i>Musa rosacea</i> Jacq.	banana-flor	Floresta Ombrófila Densa Montana
			Floresta Ombrófila Densa Submontana
Oleaceae	<i>Ligustrum lucidum</i> W.T.Aiton	ligustro, alfeneiro	Floresta Ombrófila Densa
Pittosporaceae	<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	pau-incenso	Floresta Ombrófila Densa Montana
			Floresta Ombrófila Densa
Poaceae	<i>Hyparrhenia rufa</i> (Nees)	capim-jaraguá, capim-	Savana (Cerrado)

	Stapf	provisório, capim-vermelho	
Poaceae	<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	catingueiro, capim-gordura, capim-graxa	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
			Floresta Ombrófila Densa Montana
			Floresta Ombrófila Densa Submontana
			Floresta Ombrófila Mista
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
			Savana (Cerrado)
			Savana Arborizada (Campo-Cerrado)
			Savana Gramíneo-Lenhosa
Poaceae	<i>Melinis repens</i> (Willd.) Zizka	capim-bandeira, capim-favorito	Savana

Poaceae	<i>Phyllostachys aurea</i> Carrière ex Rivière & C. Rivière	bambu-vara-de-pescar, bambu-amarelo	Floresta Ombrófila Densa Montana
			Floresta Ombrófila Densa Submontana

ANEXO 2 da Resolução SMA..../2010

A categoria II é referente a espécies, cuja criação ou cultivo sob condições controladas, com restrições estabelecidas por normas específicas de acordo com o resultado da análise de risco, deverão ser permitidos, na forma da lei.

ESPÉCIES CATEGORIA II – 60 ESPÉCIES

CLASSIFICAÇÃO DOS AMBIENTES: para as espécies terrestres foi utilizada a classificação da vegetação brasileira definida pelo IBGE (1992). Para espécies aquáticas continentais, foi empregada a localização por bacia hidrográfica e o ambiente foi classificado como lótico (ambiente de água corrente) ou lêntico (ambiente de água parada). Para espécies marinhas, o ambiente foi classificado como Marinho.

ALGAS -1

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE

Rhodophyceae	Gigartinales	Areschougaceae	<i>Kappaphycus alvarezii</i> (Doty) Doty ex P. Silva 1996	cotoni	Marinho
INVERTEBRADOS AQUÁTICOS – 1					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Bivalvia	Mytiloida	Mytilidae	<i>Perna perna</i> (Linnaeus, 1758)	marisco	Marinho
INVERTEBRADOS TERRESTRES – 1					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Insecta	Hymenoptera	Apidae	<i>Apis mellifera</i> (Linnaeus, 1758)	abelha-africana	Floresta Estacional Semidecidual
					Floresta Ombrófila Densa

MAMÍFEROS – 6					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Mammalia	Artiodactyla	Bovidae	<i>Bubalus bubalis</i> (Linnaeus, 1758)	búfalo	Formações Pioneiras de Influência Fluvial (Comunidades Aluviais)
Mammalia	Carnívora	Canidae	<i>Canis familiaris</i> Linnaeus, 1758	cachorro-doméstico	Floresta Ombrófila Densa
					Floresta Ombrófila Densa Montana
					Savana (Cerrado)
					Floresta Ombrófila Densa

MAMÍFEROS – 6					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Mammalia	Carnivora	Felidae	<i>Felis catus</i> Linnaeus, 1775	gato, gato doméstico	Floresta Ombrófila Densa Montana
					Savana (Cerrado)
					Floresta Ombrófila Densa
					Floresta Ombrófila Densa Submontana
					Floresta Estacional Semidecidual
Mammalia	Rodentia	Muridae	<i>Mus musculus</i> Linnaeus, 1758	camundongo	Floresta Estacional Semidecidual
					Savana (Cerrado)

Mammalia	Rodentia	Muridae	<i>Rattus rattus</i> (Linnaeus, 1758)	rato	Floresta Estacional Semidecidual
					Área de tensão ecológica - Savana - Floresta Ombrófila
					Floresta Ombrófila Densa
Mammalia	Artiodactyla	Suidae	<i>Sus scrofa</i> Linnaeus, 1758 (forma doméstica)	porco-doméstico	Floresta Ombrófila Densa

As espécies *Canis familiaris*, *Felis catus*, *Mus musculus* e *Rattus rattus*, mesmo sendo cosmopolitas, foram incluídas na lista de espécies exóticas invasoras por ocorrerem em diversas unidades de conservação do estado de São Paulo.

PEIXE – 15

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Actinopterygii	Cypriniformes	Cyprinidae	<i>Aristichthys nobilis</i> Richardson, 1845	carpa-cabeça-grande	Bacia do Rio Jundiáí-Mirim (lêntico); Bacia do Ribeira de Iguape (lótico); Bacia do Rio Juqueri (lêntico)
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Astronotus ocellatus</i> (Agassiz in Spix and Agassiz, 1831)	oscar	Bacia do Rio Tietê (lêntico)

PEIXES – 15					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Colossoma macropomum</i> (Cuvier, 1816)	tambaqui, pacu-vermelho	Bacia do Rio Ribeira de Iguape (lêntico)
Actinopterygii	Cypriniformes	Cyprinidae	<i>Ctenopharyngodon idella</i> (Valenciennes in Cuvier and Valenciennes, 1844)	carpa- capim	Bacia do Rio Ribeira de Iguape (lêntico)
Actinopterygii	Cypriniformes	Cyprinidae	<i>Cyprinus carpio</i> Linnaeus 1758	carpa- comum	Bacias dos Rios Ribeira de Iguape e Paranapanema (s.i.)
Actinopterygii	Characiformes	Erythrinidae	<i>Erythrinus erythrinus</i>	jeju	Bacias dos Rios

			(Bloch and Schneider, 1801)		Aguapéi, Grande e Tietê (s.i.)
Actinopterygii	Siluriformes	Callichthyidae	<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)	caborja	Bacia do Rio Tietê (lêntico, s.i.); Bacia do Rio Paraná (s.i.)
Actinopterygii	Siluriformes	Ictaluridae	<i>Ictalurus punctatus</i> (Rafinesque, 1818)	bagre de canal	Bacia do Rio Paranapanema (s.i.)
Actinopterygii	Characiformes	Anostomidae	<i>Leporinus macrocephalus</i> Garavello and Britski, 1988	piauçu	Bacia do Rio Ribeira de Iguape (s.i.)
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Oreochromis niloticus</i> (Linnaeus,	tilápia	Todas as bacias do Estado de

			1758)		São Paulo (s.i.); Bacia Rio Ribeira de Iguape (lêntico)
Actinoptery gii	Characiform es	Characidae	<i>Piaractus mesopotamicus</i> (Holmberg, 1887)	pacu	Bacia do Rio Ribeira de Iguape (lêntico) (s.i.)

PEIXES – 15					
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Poecilia reticulata</i> Peters, 1859	barrigudinho	Bacia do Rio Ribeira de Iguape (lêntico); Todas as bacias do Estado de São Paulo (s.i.)
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Tilapia rendalli</i> (Boulenger, 1897)	tilápia	Bacias dos Rios Paranapanema e Juqueri (lêntico)
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Xiphophorus helleri</i> Heckel, 1848	espadinha	Bacia do Rio Ribeira de Iguape (lêntico)
s.i.: sem informação do ambiente (lêntico ou lótico)					

PLANTAS – 36

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Acanthaceae	<i>Thunbergia alata</i> Bojer ex Sims	carólia, amarelinha, jasmim-sombra, suzana-dos-olhos-negros, olho-preto, erva-de-cabrita, cu-de-mulata	Floresta Ombrófila Densa
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.)	chuchu	Floresta Ombrófila Densa

	Sw.		
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
Fabaceae	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A. Howard	sombreiro	Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	abacateiro	Floresta Ombrófila Densa
Magnoliaceae	<i>Magnolia champaca</i> (L.) Baill. ex Pierre	magnólia-amarela	Floresta Ombrófila Densa
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaqueira	Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	amoreira e amora-preta	Áreas de Tensão Ecológica - Floresta Ombrófila Densa - Floresta Ombrófila Mista
			Floresta Estacional Semidecidual

			Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
Myrtaceae	<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	eucalipto	Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
Myrtaceae	<i>Eucalyptus grandis</i> W. Hill ex Maiden	eucalipto	Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)

PLANTAS – 36			
FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba, goiabeira	Áreas de Tensão Ecológica - Savana - Floresta Ombrófila
			Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas).
Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão, azeitona-da-terra, jamelão	Floresta Estacional Semidecidual
Myrtaceae	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	jambo-amarelo	Floresta Ombrófila Densa
Pinaceae	<i>Pinus caribaea</i> Morelet	pínus, pinheiro-do-caribe	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
Pinaceae	<i>Pinus elliottii</i>	pínus,	Áreas de Tensão Ecológica -

	Engelm.	pinheiro- americano	Savana - Floresta Ombrófila
			Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Estacional Semidecidual Aluvial
			Floresta Ombrófila Densa
			Floresta Ombrófila Mista
			Refúgio Ecológico Alto-Montano (Floresta Ombrófila Densa)
			Savana (Cerrado)
			Savana Florestada (Cerradão)
			Savana Gramíneo-Lenhosa Limpa (Campo Limpo Úmido)
			Savana Gramíneo-Lenhosa Suja (Campo Sujo Úmido)
Pinaceae	<i>Pinus patula</i> Schltdl. & Cham.	pínus	Refúgio Ecológico Alto-Montano
			Floresta Estacional Semidecidual
Pinaceae	<i>Pinus taeda</i> L.	pínus, pinheiro-	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Mista

		americano, pinheiro- amarelo	Savana (Cerrado)
Poaceae	<i>Andropogon gayanus</i> Kunth	andropogon	Savana (Cerrado)
Poaceae	<i>Coix lacryma- jobi</i> L.	lágrima-de- nossa- senhora, conta-de- rosário	Floresta Ombrófila Densa
Poaceae	<i>Pennisetum purpureum</i> Schumach.	capim-napiê	Floresta Estadual Semidecidual Submontana
			Floresta Ombrófila Densa
			Savana (Cerrado)
Poaceae	<i>Urochloa brizantha</i> (Hochst. ex A. Rich.) R.D.	braquiarão	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)

	Webster		Savana Gramíneo-Lenhosa
Poaceae	<i>Urochloa distachya</i> (L.) T.Q. Nguyen	grama-do-gabriel, braquiária	Bacia do Paraná (lêntico e lótico) Bacia do Tietê (lêntico e lótico)
Poaceae	<i>Urochloa maxima</i> (Jacq.) R.D. Webster	capim- navalha, capim-guiné, capim- colonião	Floresta Estacional Semidecidual Floresta Ombrófila Densa Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas) Savana Gramíneo-Lenhosa

PLANTAS – 36			
FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	AMBIENTE
Poaceae	<i>Urochloa mutica</i> (Forssk.) T.Q. Nguyen	angolinha, capim-angola, capim-de- pará, erva-do- pará, Kykuio- da-amazônia	Floresta Ombrófila Densa
			Formações Pioneiras de Influência Marinha (Restingas)
			Reservatório de água doce
Polemoniaceae	<i>Cobaea scandens</i> Cav.	Sino-de-Catedral	Floresta Ombrófila Densa
Pontederiaceae	<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Solms	aguapé	Bacia do Rio Camanducaia/PCJ (s.i.)
Rhamnaceae	<i>Hovenia dulcis</i> Thunb.	uva-do-japão, uva-japonesa	Floresta Estacional Semidecidual
			Floresta Ombrófila Mista
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.)	nêspera, ameixa- amarela	Floresta Ombrófila Densa

	Lindl.		
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	cafeeiro, café, cafezeiro	Floresta Estacional Semidecidual Floresta Ombrófila Densa
Rutaceae	<i>Citrus</i> <i>aurantium</i> L.	laranja- amarga	Floresta Estacional Semidecidual
Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	limão-cravo	Floresta Ombrófila Densa Floresta Estacional Semidecidual
Rutaceae	<i>Clausena</i> <i>excavata</i> H. Lév.	vampi-do- Vietnã	Savana (Cerrado) Floresta Estacional Semidecidual
Zingiberacea e	<i>Hedychium</i> <i>coronarium</i> J.König	lírio-do-brejo, falso-biri	Áreas de Tensão Ecológica - Savana - Floresta Ombrófila Floresta Estacional Semidecidual Floresta Ombrófila Densa Floresta Ombrófila Densa Montana Floresta Ombrófila Densa Submontana

Zingiberacea e	<i>Hedychium gardnerianum</i> Sheppard ex Ker Gawl.	gengibre-de- kahili	Floresta Ombrófila Densa
-------------------	---	------------------------	--------------------------

ANEXO 3 da Resolução SMA/2010 – 132 espécies

ESPÉCIES "DEFICIENTES DE DADOS"

As espécies constantes do anexo 3 foram consideradas como “Deficiente de Dados” pelo fato de as informações existentes sobre o táxon serem inadequadas para se fazer uma avaliação sobre sua ocorrência no estado de São Paulo ou seu risco de invasão, com base em sua distribuição natural ou histórico de invasão. A colocação de um táxon nessa categoria indica que mais informações são necessárias sobre ele, reconhecendo-se a possibilidade de futuras pesquisas mostrarem que o táxon poderia ser classificado como espécie exótica invasora com ocorrência em ambiente natural no estado de São Paulo.

ESPÉCIES EXÓTICAS COM OCORRÊNCIA APENAS EM AMBIENTE URBANO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Espécies exóticas invasoras mas que não possuem registro de ocorrência fora de ambiente urbano e periurbano no estado de São Paulo.

ANFÍBIOS – 1

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Amphibia	Anura	Pipidae	<i>Xenopus laevis</i> (Daudin, 1802)	rã-africana
AVES – 1				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Aves	Columbiformes	Columbidae	<i>Columba livia</i> (Gmelin, 1789)	pombo-doméstico
RÉPTEIS - 1				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Reptilia	Squamata	Iguanidae	<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	Iguana
PLANTAS – 4				
FAMÍLIA		NOME CIENTÍFICO		NOME COMUM
Arecaceae		<i>Caryota mitis</i> Lour.		
Moraceae		<i>Ficus benjamina</i> L.		
Moraceae		<i>Ficus microcarpa</i> L. f.		

Rutaceae		Murraya paniculata		Murta	
ESPÉCIES PARA AS QUAIS NÃO HÁ CERTEZA SOBRE SUA DISTRIBUIÇÃO NATURAL E/OU REGISTROS DE BIOINVASÃO					
ALGAS – 8					
CLASSE	ORDEM	FAMILIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	
Bryopsido phyceae	Bryopsid ales	Caulerpac eae	Caulerpa scalpelliformis (R. Br. Ex Turner)		
Cyanophy ceae	Nostocal es	Nostocace ae	Cylindrospermopsis raciborskii (Wolosz.) Seena. and Subbar. -		
Dinophyce ae	Peridiniai es	Ceratiace ae	Ceratium furcoides (Levander) Langhans -		
Dinophyce ae	Gymnodi niales	Gymnodin iaceae	Gymnodinium catenatum Graham, 1943 -	dinoflagelado	

Florideophyceae	Ceramiales	Rhodomelaceae	<i>Laurencia caduciramulosa</i> Masuda & Kawaguchi, 1997	
Rhodophyceae	Ceramiales	Ceramiales	<i>Anotrichium yagii</i> (Okamura) Baldock 1976	
Rhodophyceae	Ceramiales	Dasyaceae	<i>Dasya brasiliensis</i> E. C. Oliveira & Y. Braga, 1971	
Rhodophyceae	Bangiales	Bangiaceae	<i>Porphyra suborbiculata</i> Kjellman, 1887	
AVES – 2				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Aves	Passeriformes	Passeridae	<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre

Aves	Passeriformes	Passeridae	<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal
INVERTEBRADOS AQUÁTICOS - 13				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Malacostaca	Decapoda	Trichodactylidae	<i>Dilocarcinus pagei</i> (Stimpson, 1861)	
Malacostaca	Decapoda	Palaemonidae	<i>Macrobrachium amazonicum</i> (Heller, 1862)	
Malacostaca	Decapoda	Palaemonidae	<i>Macrobrachium jelskii</i> (Miers, 1877)	

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS - 13

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Malacost raca	Decapoda	Xanthidae	<i>Pilumnoides perlatus</i> (Poepig, 1836)	
Malacost raca	Decapoda	Cancridae	<i>Cancer pagurus</i> (Linnaeus, 1758)	caranguejola, sapateira
Maxillop oda	Cyclopoida	Cyclopida e	<i>Apocyclops borneoensis</i> Lindberg, 1954	copépode
Maxillop oda	Calanoida	Temorida e	<i>Temora turbinata</i> (Dana, 1849)	copépode
Maxillop oda	Harpacticoi da	Tetragoni cipitidae	<i>Phyllopodopsyll us</i>	copépode

			<i>setouchiensis</i> (Kitazima, 1981)	
Maxillop oda	Onychopod a	Podonidae	<i>Pleopis schmackeri</i> (Poppe, 1889)	pulga-d'água
Polychae ta	Spionida	Spionidae	<i>Polydora cornuta</i> (Bosc, 1802)	
Polychae ta	Spionida	Spionidae	<i>Polydora nuchalis</i> (Woodwick, 1953)	
Polychae ta	Spionida	Spionidae	<i>Pseudopolydor a achaeta</i> (Radashevsky & Hsieh, 2000)	
Polychae ta	Spionida	Spionidae	<i>Pseudopolydor a antennata</i> (Claparede,	

			1870)	
INVERTEBRADOS TERRESTRES – 20				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Gastropoda	Stylommatophora	Subulinidae	<i>Rumina decollata</i> (Linnaeus, 1758)	
Gastropoda	Stylommatophora	Gastroduroidea	<i>Zonitoides nitidus</i> (Muller, 1774)	caracol
Gastropoda	Stylommatophora	Gastroduroidea	<i>Zonitoides arboreus</i> (Say, 1816)	caracol
Gastropoda	Stylommatophora	Limacidae	<i>Deroceras laeve</i> (Muller, 1774)	semi-lesma
Gastropoda	Stylommatophora	Limacidae	<i>Deroceras agrestis</i> (Linnaeus, 1758)	semi-lesma

Gastropoda	Stylommatophora	Limacidae	<i>Lehmannia valentiana</i> (Ferussac, 1821)	semi-lesma
Gastropoda	Stylommatophora	Limacidae	<i>Limax maximus</i> (Linnaeus, 1758)	semi-lesma leopardo
Gastropoda	Stylommatophora	Limacidae	<i>Limax flavus</i> (Linnaeus, 1758)	semi-lesma
Gastropoda	Stylommatophora	Milacidae	<i>Milax gagates</i> (Draparnaud, 1801)	semi-lesma
Gastropoda	Stylommatophora	Bradybaenidae	<i>Bradybaena similaris</i> (Ferussac, 1821)	caracol
Insecta	Diptera	Culicidae	<i>Aedes aegypti</i> (Linnaeus, 1762)	mosquito-da-dengue
Insecta	Diptera	Culicidae	<i>Aedes albopictus</i> (Skuse, 1895)	
Insecta	Diptera	Culicidae	<i>Aedes fluviatilis</i> (Lutz, 1904)	

Insecta	Hymenoptera	Formicidae	<i>Pheidole megacephala</i> (Fabricius, 1793)	formiga- cabeçuda
Insecta	Orthoptera	Blattidae	<i>Blattaria germanica</i> (Linnaeus, 1758)	
Insecta	Orthoptera	Blattidae	<i>Periplaneta americana</i> (Linnaeus, 1758)	
Insecta	Orthoptera	Blattidae		barata-da-califórnia
Insecta				cupim australiano
Malacostaca	Isopoda	Trichoniscidae	<i>Haplophthalmus danicus</i> (Budde-Lund, 1879)	tatuzinho-de-jardim
Malacostaca	Isopoda	Trachelipodidae	<i>Nagurus cristatus</i> (Dollfus, 1889)	tatu-de-jardim

MAMÍFEROS - 1				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Mammalia	Artiodactyla	Capridae	<i>Capra</i> spp.	Cabra doméstica
PEIXES – 56				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Actinopterygii	Siluriformes	Auchenipteridae	<i>Ageneiosus inermis</i> (Linnaeus, 1766)	palmito
Actinopterygii	Siluriformes	Auchenipteridae	<i>Ageneiosus militaris</i> Valenciennes, 1835	palmito
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Aphyocharax anisitsi</i> Eigenmann	

			and Kennedy, 1903	
Actinopt erygii	Gymnotif ormes	Apteronoti dae	<i>Apteronotus albifrons</i> (Linnaeus, 1766)	itui-cavalo
Actinopt erygii	Gymnotif ormes	Apteronoti dae	<i>Apteronotus brasiliensis</i> (Reinhardt, 1852)	itui
Actinopt erygii	Gymnotif ormes	Apteronoti dae	<i>Apteronotus caudimaculosu s</i> Santana 2003	itui-cavalo
Actinopt erygii	Gymnotif ormes	Apteronoti dae	<i>Apteronotus ellisi</i> (Alonso de Arámburu, 1957)	itui

Actinopt erygii	Gymnotif ormes	Hypopomid ae	<i>Brachyhypopo mus pinnicaudatus</i> (Hopkins, 1991)	
Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Brycon amazonicus</i> (Spix and Agassiz, 1829)	matrinxã
Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Brycon hiliarii</i> (Valenciennes in Cuvier and Valenciennes, 1850)	piracanjuba
Actinopt erygii	Characifo rmes	Crenuchida e	<i>Characidium laterale</i> (Boulenger, 1895)	canivetinho

Actinopt erygii	Perciform es	Pomacentri dae	<i>Chromis limbata</i> (Cuvier in Cuvier and Valenciennes, 1830)	donzela-dos-aco
Actinopt erygii	Perciform es	Cichlidae	<i>Crenicichla niederleini</i> (Holmberg, 1891)	joaninha
Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Cynopotamus kincaidi</i> (Schultz, 1950)	saicanga
Actinopt erygii	Characifo rmes	Curimatida e	<i>Cyphocharax gillii</i> (Eigenmann and Kennedy, 1903)	branquinha

Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Farlowella hahni</i> Meinken, 1937	cascudo
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Farlowella oxyrryncha</i> (Kner, 1853)	cascudo
Actinopt erygii	Perciform es	Cichlidae	<i>Geophagus proximus</i> (Castelnau, 1855)	acará
Actinopt erygii	Gymnotif ormes	Gymnotida e	<i>Gymnotus inaequilabiatus</i> (Valenciennes, 1842)	sarapó
Actinopt erygii	Characifo rmes	Hemiodonti dae	<i>Hemiodus orthonops</i> Eigenmann and Kennedy, 1903	piau-banana

Actinopt erygii	Siluriform es	Heptapteri dae	<i>Heptapterus mustelinus</i> (Valenciennes, 1835)	bagrinho
Actinopt erygii	Characifo rmes	Erythrinida e	<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i> (Spix and Agassiz, 1829)	jeju
Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Hyphessobryc on eques</i> (Steindachner, 1882)	mato grosso
Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Hyphessobryc on flammeus</i> Myers, 1924	lambari
Actinopt erygii	Siluriform es	Pimelodida e	<i>Hypophthalmu s edentatus</i> Spix and Agassiz, 1829	mapará

Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Hypostomus cochliodon</i> Kner, 1854	cascudo
PEIXES – 56				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Hypostomus commersoni</i> Valenciennes, 1836	cascudo
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Hypostomus drouhy</i> Weber, 1985	cascudo
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Hypostomus ternetzi</i> (Boulenger, 1895)	cascudo

Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Knodus moenkhausii</i> (Eigenmann and Kennedy, 1903)	lambari
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Loricaria simillima</i> Regan, 1904	cascudo-chinelo
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Loricariichthys platymetopon</i> Isbrücker and Nijssen, 1979	cascudo-chinelo
Actinopt erygii	Siluriform es	Loricariidae	<i>Loricariichthys rostratus</i> Reis and Pereira, 2000	cascudo-chinelo
Actinopt erygii	Siluriform es	Callichthyid ae	<i>Megalechis personata</i> (Ranzani, 1841)	tamboatá

Actinopt erygii	Salmonifo rmes	Salmonida e	<i>Oncorhynchus mykiss</i> (Walbaum, 1792)	truta-arco-íris
Actinopt erygii	Batrachoi diformes	Batrachoidi dae	<i>Opsanus beta</i> (Goode and Bean, 1880)	
Actinopt erygii	Siluriform es	Doradidae	<i>Oxydoras eigenmanni</i> (Boulenger, 1895)	armado
Actinopt erygii	Siluriform es	Pimelodida e	<i>Pimelodus ornatus</i> Kner, 1858	mandi
Actinopt erygii	Cyprinifor mes	Cyprinidae	<i>Platanichthys platana</i> (Regan, 1917)	manjuba

Actinopt erygii	Siluriform es	Doradidae	<i>Platydoras armatulus</i> (Valenciennes in Cuvier and Valenciennes, 1840)	armado
Actinopt erygii	Cyprinod ontiforme s	Poeciliidae	<i>Poecilia vivipara</i> Bloch and Schneider, 1801	barrigudinho, lebiste
Actinopt erygii	Characifo rmes	Prochilodo ntidae	<i>Prochilodus lineatus</i> (Valenciennes, 1836)	curimbatá
Actinopt erygii	Siluriform es	Pimelodida e	<i>Pseudoplatyst oma coruscans</i> (Agassiz, 1829)	pintado

Actinopterygii	Siluriformes	Doradidae	<i>Pterodoras granulosus</i> (Valenciennes in Humboldt and Valenciennes, 1821)	armado
Actinopterygii	Gymnotiformes	Rhamphichthyidae	<i>Rhamphichthys hahni</i> (Meinken, 1937)	
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Roeboides descalvadensis</i> Fowler, 1932	
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Salminus brasiliensis</i> (Cuvier, 1816)	dourado
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Satanoperca pappaterra</i> (Heckel, 1840)	zoiudo

Actinopt erygii	Characifo rmes	Characidae	<i>Serrasalmus maculatus</i> Kner, 1858	piranha
Actinopt erygii	Siluriform es	Pimelodida e	<i>Sorubim lima</i> (Bloch and Schneider, 1801)	braço-de-moça
Actinopt erygii	Characifo rmes	Curimatida e	<i>Steindachnerin a brevipinna</i> (Eigenmann and Eigenmann, 1889)	branquinha
Actinopt erygii	Siluriform es	Doradidae	<i>Trachydoras paraguayensis</i> Eigenmann and Ward in Eigenmann, McAtee and Ward, 1907)	armado

PEIXES – 56				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Triportheus nematurus</i> (Kner, 1858)	sardinha
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Xiphophorus maculatus</i> (Günther, 1866)	espadinha
Chondrichthyes	Myliobatiformes	Potamotrygonidae	<i>Potamotrygon falkneri</i> Castex & Maciel, 1963	arraia-pintada
Chondrichthyes	Myliobatiformes	Potamotrygonidae	<i>Potamotrygon motoro</i> (Müller and Henle, 1841)	arraia-de-fogo
RÉPTEIS – 2				
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM

Reptilia	Squamata	Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau de Jonnès, 1818)	lagartixa
Reptilia	Testudines	Emydidae	<i>Trachemys dorbigni</i> (Duméril and Bibron, 1835)	tigre-d'água

PLANTAS - 23

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
Amaryllidaceae	<i>Furcraea selloa</i> K. Koch	agave
Anacardiaceae	<i>Toxicodendron vernicifluum</i> (Stokes) F.A. Barkley	charão
Arecaceae	<i>Archontophoenix alexandrae</i> (F. Muell.) H. Wendl. & Drude	palmeira-real-australiana

Asteraceae	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	girassol mexicano, titônia, margaridão-amarelo
Bignoniaceae	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	tulipa-africana, tulipeiro-africano, árvore-da-bisnaga
Cyperaceae	<i>Cyperus papyrus</i> L.	papiro
Fabaceae	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F.Blake	guapuruvu
Liliaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	espada-de-São-Jorge
Moraceae	<i>Ficus luschnatiana</i> (Miq.) Miq.	
Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné
Pinaceae	<i>Pinus</i> sp.	pinheiro-americano, pínus
Poaceae	<i>Bambusa textilis</i> McClure	bambu

Poaceae	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C. Wendl.	bambu
Poaceae	<i>Bambusa</i> sp.	bambu
Poaceae	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	capim-de-burro
Poaceae	<i>Phyllostachys bambusoides</i> Siebold & Zucc.	bambu
Poaceae	<i>Phyllostachys dulcis</i> McClure	bambu-doce
Poaceae	<i>Phyllostachys</i> sp.	bambu
Poaceae	<i>Urochloa decumbens</i> (Stapf) R.D. Webster	capim-braquiária
Poaceae	<i>Urochloa</i> sp.	braquiária
Pteridaceae	<i>Pteridium arachnoideum</i> (Kaulf.) Maxon	

Sapotaceae	<i>Mimusops coriacea</i> (A. DC.) Miq.	abricó-de-praia
Urticaceae	<i>Pilea cadierei</i> Gagnep. & Guillaumin	brilhantina, dominó, graxa-de- estudante

